



Editorial

Existências e resistências: feminismos latino-americanos

María Camila Ortiz

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

Mariana Malheiros

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

Tereza Spyer

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

A Revista Epistemologias do Sul, vinculada à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e ao grupo de pesquisa “Epistemologias do Sul: pensamento social e político em/ desde/para a América Latina, Caribe, Ásia e África”, traz como principal proposta a divulgação de estudos sobre e/ou desde o pensamento social e político latino-americano, caribenho, africano e asiático. Destacam-se em suas produções os estudos decoloniais, subalternos e pós-coloniais, com toda a sua diversidade e variedade teóricas e metodológicas (REVISTA EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2016).

Ao colocar estas fontes epistêmicas na sua centralidade, a Revista carrega consigo, desde sua idealização, uma vocação internacionalista e transnacionalista, que se realiza na cooperação entre diferentes intelectuais que a torna(ram) possível. Com um espaço permanente para o debate intelectual multidisciplinar/interdisciplinar possibilitou a troca de experiências entre pesquisadoras(es) e acadêmicas(os) de diversas partes do mundo não ligados diretamente ao grupo de pesquisa responsável por sua organização, mas também com outras(os) pesquisadoras(es) e grupos interessados com o propósito de sua temática (REVISTA EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2016).

Por estas características de afinidade e diálogo com tantas vozes insurgentes e dissidentes que se encontram territorialmente e epistemologicamente no Sul Global, tanto no comprometimento político quanto no epistêmico, foi possível o trabalho cooperativo com o grupo de pesquisa “¡DALE! – Decolonizar a América Latina e Seus Espaços”, com a organização conjunta não somente deste, mas de outros dossiês, especialmente no que se refere à divulgação dos estudos decoloniais e “epistemologias outras” que apresentam os objetivos da Revista.

Esta é a quarta edição em que o ¡DALE! está diretamente envolvido na criação da proposta, desenvolvimento e finalização de uma edição da Revista Epistemologias do Sul. As anteriores foram: “Giro Decolonial, Parte 1: Artes visuais, arquiteturas e alteridades” (vol. 03, n. 01, 2019); “Giro Decolonial, Parte 2: Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento” (vol. 03, n. 02, 2019) e “Corpos e sujeitos na/da modernidade” (vol. 04, n. 01, 2020).¹ Destacamos também que há publicações de integrantes do ¡DALE! em outras edições, bem como a participação na organização e na edição das revistas.

A partir destes bem-sucedidos encontros, surgiu o convite para a elaboração deste dossiê que resultou no título “Feminismos latino-americanos, ativismos e insurgências (Parte 1)”, organizado por pesquisadoras integrantes do ¡DALE! a partir de questionamentos e tensionamentos debatidos dentro do próprio grupo. O ¡DALE! está cadastrado no Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) desde 2016 e, como já mencionado, dedica-se às pesquisas que envolvem a decolonização de imagens, cartografias, paisagens, narrativas e corpos da América Latina e do Caribe, aos movimentos sociais e dos territórios latino-americanos, tendo em vista conceitos e noções do giro decolonial, como, por exemplo, as colonialidades do poder, do ser e do saber (NAME; SPYER; CUNHA, 2019). Em 2019, em conjunto com o Laboratório Urbano e Laboratório Co-Adaptativo (Labzat), ambos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o ¡DALE! organizou o minicurso “Insurgências decoloniais: geopolítica do conhecimento para outros mundos possíveis”, com trinta horas (30h) e ministrado por pesquisadores do ¡DALE! na UFBA, em maio; na Universidade Federal de Minas Gerais em agosto (UFMG), e, por fim, na UNILA, em agosto e setembro do mesmo ano (NAME; SPYER; CUNHA, 2019).

A partir destes cursos surgiram questionamentos voltados à produção de/sobre/para mulheres como: onde estão as mulheres, especialmente as mulheres racializadas, no Giro Decolonial? Como raça, gênero, classe e sexualidade se articulam e impactam na dicotomia modernidade/colonialidade? Como pensamos os ativismos, insurgências e manifestações de mulheres no Sul Global fora das construções feministas hegemônicas do Norte?

¹ Para acessar estas e outras edições da Revista Epistemologias do Sul: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/archive>.





Para debater e refletir melhor estas questões, num primeiro momento, entre outubro e novembro de 2019, o ¡DALE! organizou estudos para aprofundamento de suas(seus) pesquisadoras(es) sobre “Feminismo Decolonial”. Naquele semestre, com debates motivados por textos de Gloria Anzáldua, Rita Segato, María Lugones, Karina Bidaseca e outras autoras, pudemos refletir e discutir o significado de gênero dentro do giro decolonial: esta categoria é constituidora da modernidade ocidental ou limita-se a um fenômeno dentro da Europa e ainda se gênero existia nas sociedades fora da Europa e/ou em qual intensidade. Dentro da proposta do ¡DALE!, procuramos encontrar caminhos para os enfrentamentos das colonialidades do poder, saber e ser, conceitos que transpassam direta e indiretamente as produções decoloniais, considerando, especialmente, as intersecções entre gênero, raça e sexualidade através das produções de autoras(es) decoloniais.

Também pudemos, com as ferramentas construídas naquele semestre, analisar a emergência de vozes de mulheres, em movimentos e organizações por toda a América Latina e pelo Caribe, que produzem feminismos que ultrapassam a perspectiva de gênero moderno e incluem os debates e lutas contra o racismo, a heteronormatividade, o capitalismo, o antropocentrismo e outras opressões que impactam as vidas e territórios das mulheres, trazendo as suas próprias categorias, tanto para a *práxis* política quanto para a produção de epistemologias, especialmente na América Latina e no Caribe.

E aqui queremos destacar que estas produções, ainda que dialoguem com o Giro Decolonial, são produções autônomas, originais e de uma força política e epistêmica que trazem novas percepções de organização e análise não somente sobre as ciências humanas e sociais, mas também na própria atuação política frente um cenário latino-americano de avanço político neoconservador e econômico neoliberal. Por isso, com a construção comum desta percepção, e já com acúmulo nas discussões para avançar em nossos trabalhos como grupo de pesquisa, recebemos o convite para a publicação deste dossiê, que contou com o trabalho editorial de: Ananda Vilela, Cynthia Montalbetti, Maria Camila Ortiz, Mariana Malheiros, Priscila Dorella e Tereza Spyer.

Pela força destas produções, nós, editoras deste número, não queríamos que aqueles estudos se reduzissem a mais uma análise sobre gênero e epistemologias feministas. As produções das mulheres, a partir da interseccionalidade entre raça, classe, sexualidade e gênero, bem como com a elaboração de categorias próprias, possibilita pensar não só os feminismos no Sul Global, mas também a própria resposta política, econômica, cultural e epistêmica frente o cenário latino-americano e caribenho. E, exatamente por tamanhas respostas de resistência e diversidade, pudemos organizar este dossiê composto somente por trabalhos de mulheres, pesquisadoras e ativistas que constroem feminismos insurgentes, a partir de seus ativismos nas lutas de movimentos e organizações sociais, e também nas produções acadêmicas.

Para todas nós, editoras, que não pesquisamos exclusivamente gênero – mas o trazemos para o diálogo transversal tanto no Giro Decolonial debatido no ¡DALE! quanto nas nossas pesquisas individuais – foi gratificante e de imenso aprendizado conhecer variados trabalhos de mulheres que possibilitam pensar gênero, classe, raça e sexualidade por outros vieses. Contudo, entendemos que precisamos mostrar neste espaço que estas pesquisadoras, assim como cada uma de nós, realizaram este trabalho dentro de realidades específicas, com seus contextos e corpos afetados pelos já mencionados avanços neoconservadores e neoliberais na América Latina e no Caribe, agravados ainda por um período pandêmico de Covid-19, iniciado em 2020. Aqui, queremos trazer um pouco das consequências deste contexto para as mulheres latino-americanas e caribenhas, especialmente na violência contra nossos corpos, o acúmulo do trabalho de cuidados na pandemia e a vulnerabilidade econômica que enfrentamos.

Primeiramente, destacamos a violência contra as mulheres. Em relatório a partir dos dados do Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe (OIG), a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) apontou que em 2020 a violência contra as mulheres diminuiu tanto na América Latina quanto no Caribe, com uma queda média de 10,6% em relação ao ano de 2019 (CEPAL; OIG, 2021). Contudo, os movimentos e organizações feministas denunciaram que este número não reflete a realidade. O que se alega é que, com a necessidade de isolamento social e a falta de políticas públicas voltadas à segurança e autonomia física, milhares de mulheres optaram por não denunciar as agressões e maus-tratos sofridos, permanecendo em silêncio diante de um cenário exterior que não apresenta segurança, tanto para protegê-las de seus agressores quanto para garantir políticas de promoção visando promover suas autonomias financeiras (NÃO SE CALE, 2020).

O segundo ponto que destacamos é o trabalho das mulheres durante a pandemia de Covid-19. A Organização Pan-Americana de Saúde, em relatório publicado em dezembro de 2021, apontou que, em todo o continente americano e no Caribe, 86% das profissionais de saúde em contato diário com as(os) pacientes infectados com o coronavírus foram mulheres. Considerando a imprecisão dos dados sobre o trabalho doméstico e de cuidados não remunerado, estima-se também que as responsáveis pelas(os) doentes em suas casas também foram (e são) as mulheres, em proporção que pode ser ainda superior (PAHO, 2021).

Por fim, falamos sobre o impacto neoliberal neste cenário. Relatório da CEPAL publicado no início de 2021 indicou que cento e dezoito milhões de mulheres latino-americanas e caribenhãs viviam em situação de pobreza (CEPAL, 2021). Dentro do mercado formal e informal de trabalho, também se apontou a redução dos níveis de ocupação das mulheres, com uma estimativa de um retrocesso de, ao menos, dez anos. Ainda, a taxa de desocupação das mulheres foi de 22,2% em 2020, um aumento de 12,6% na variação, em comparação com 2019 (CEPAL, 2021).

O relatório também trouxe o alarmante dado que 56,9% de mulheres na América Latina e 54,3% no Caribe estavam empregadas em setores de alto risco, com maior vulnerabilidade para manutenção e segurança de seus empregos, principalmente nos setores de turismo, manufatura, comércio e, principalmente, trabalho doméstico. Além do impacto econômico, o documento também trouxe os riscos da empregabilidade nas áreas de trabalho doméstico, saúde e educação, especialmente alta exposição ao vírus e na sobrecarga de trabalho, no caso das trabalhadoras domésticas e da saúde, e na sobrecarga de trabalho e pressões para adaptação ao ambiente remoto às trabalhadoras da educação, considerando ainda que as mulheres empregadas neste setor são as principais responsáveis pelo cuidado com as crianças e adolescentes, também em ensino remoto, e com idosas(os) e doentes, mais vulneráveis frente a pandemia (CEPAL, 2021). Por isso mesmo, a consequência deste cenário da educação foi a redução das pesquisas e publicações realizadas por mulheres. Tratando especificamente do cenário brasileiro, a produção acadêmica de homens aumentou em 50%, enquanto a de mulheres despencou durante a pandemia de Covid-19 (LEAL, 2021).

Como pesquisadoras que procuram visibilizar os corpos que estes números representam, queremos dizer que todas nós, autoras e editoras, estamos incluídas nestes dados. Muitas de nós passaram por crises financeiras, carga de trabalho duplicada (ou triplicada), fomos responsáveis pelo cuidado de crianças, idosas(os) e doentes e, ainda, como ativistas, também atendemos mulheres vítimas de violência doméstica. Termos a publicação deste dossiê significa afirmar que, apesar de tentarem nos matar – especialmente as mulheres negras, LGBTQIA+ e indígenas que estão presentes neste dossiê – nós estamos aqui, apresentando ferramentas, dentro das nossas limitações nas universidades cada vez mais sucateadas em toda a América



Latina e Caribe, com o avanço neoliberal que impactou nas políticas de educação, especialmente no ensino superior e na produção científica realizada por todas nós. No Brasil, destaca-se a ação organizada pelo Governo Genocida de Jair Bolsonaro de invalidação do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores, não somente com os cortes nos orçamentos das universidades, mas também no desprezo à ciência, que vimos em ação durante o pior período da pandemia de Covid-19. Por isso reafirmamos a importância não só epistêmica deste dossiê, mas, principalmente, política de resistência com o avanço neoconservador e neoliberal.

Nosso **Dossiê: Feminismos latino-americanos – Ativismos e insurgências – Parte 1**, está organizado em duas seções, a primeira composta por 5 entrevistas e a segunda por 7 artigos. As entrevistas refletem a escolha de temas caros às editoras deste volume como a tradução feminista transnacional, que se configura desde a coletividade entre mulheres do Sul Global se estabelecendo como ruptura nos processos editoriais contra hegemônicos; a cosmogonia anticolonial guarani reflorestando o imaginário para a quebra da monocultura como um sistema de práticas violentas que vai além do modelo de produção agrícola se perpetuando numa ideologia colonial; o feminismo como forma de pensar o mundo através da observação de uma mulher do povo Pankararu; reflexões sobre as formas de resistências das feministas e mulheres negras e dos povos racializados na América Latina, e a agroecologia como modelo não hegemônico desde uma perspectiva indissociável do feminismo.

Já na sessão de artigos, contamos com 5 artigos originais e 2 traduzidos que versam sobre colonialidade do gênero e sua instrumentalização para perpetuar os domínios da existência; o legado de uma luta contra os extrativismos e as relações com o feminismo decolonial; crítica à heterossexualidade e cisgeneridade compulsórias; ampliação das geografias e dos espaços de enunciação para pensar feminismos outros; reflexões sobre corpos e vestimentas historicamente subalternizados; bonecas de pano como tecidos comunitários, anticapitalistas, antipatriarcais e antirracistas e a racialização do conflito armado e as masculinidades da guerra.

Neste sentido, este dossiê foi pensado como um espaço para as perspectivas feministas insurgentes, indígenas, afro, comunitárias etc., que colaboram de forma coletiva para construir um entendimento capaz de potencializar as necessidades, iniciativas, problemáticas e conhecimentos da diversidade de mulheres latino-americanas e caribenhas. A especificidade dos feminismos contra hegemônicos se deve a uma articulação única entre teoria e práxis, onde formas de ação e ativismo fazem parte de uma luta global que vai muito além de questionar somente o patriarcado.

Abrimos a seção **Entrevistas** com o texto **“Entrevista com o Coletivo Sycorax, um sabá de mulheres que traduzem”**. Larissa Locoselli e Penélope Bruera, do Laboratório de Tradução da UNILA, realizaram uma entrevista com três integrantes do Coletivo Sycorax: Cecília Farias, Leila Izidoro e Juliana Bittencourt. Trata-se de uma conversa entre tradutoras sobre a tradução e os feminismos. Autodefinido como um “sabá de mulheres que traduzem”, o Coletivo Sycorax reúne diferentes trajetórias na tradução e no feminismo que têm em comum a concepção da tradução como uma prática política feminista. De acordo com a práxis horizontal do Coletivo, as entrevistadas discutiram interna e coletivamente as perguntas enviadas pelas entrevistadoras previamente à conversa, na qual as entrevistadas compartilham de forma generosa importantes experiências e pontos de vista desta que é uma das mais chamativas iniciativas de tradução feminista no Brasil dos últimos anos.

A entrevista realizada por Luma Lessa (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) a Geni Núñez (Universidade Federal de Santa Catarina), cujo título é **“Luta e pensamento anti-colonial: uma entrevista com Geni Núñez”**, trata do ativismo e das insurgências como cami-

nhos construídos no diálogo entre a materialidade e a potencialidade das existências. Diálogo inclusive conflituoso, uma vez que a luta se dá pela necessidade de combate das violências das estruturas hegemônicas. Nessa entrevista, são endereçadas as violências dos discursos hegemônicos colonial cristão branco monogâmico cisheteronormativo. Geni Núñez aponta como a categorização binária da vida opera como um epistemicídio, etnocídio e genocídio de modos de vida outros. No Brasil, essas categorias, intrinsecamente cristãs, geraram o apagamento físico e simbólico dos povos indígenas em sua multiplicidade de etnias, modos de vida e pensamento. Esse etnocídio está intimamente conectado à perda dos territórios e à imposição de um antropocentrismo. Para a ativista guarani, não basta descolonizarmos o pensamento e as relações sociais e econômicas, tentando reparar e ajustar essas estruturas. É preciso ir além dos binarismos violentos da colonialidade e questionar a própria materialidade dessas categorias que nos separam em homens/mulheres, homo/hétero, branco/negro/pardo e humanidade/natureza. A luta, portanto, deve ser anticolonial. Ao invés de buscarmos respostas reparadoras, recusar as próprias perguntas como lugar de enunciação. Romper com essas amarras da monocultura do pensamento monogâmico cristão colonial, nos permite reflorestar o nosso imaginário, traçando relações afetivas, sexuais e sociais que respeitem a autonomia de todes.

Já a “**Entrevista com Elisa Pankararu: movimento de mulheres indígenas e feminismo indígena**”, foi realizada pela antropóloga Jade Alcântara Lôbo (Universidade Federal de Santa Catarina), com Elisa Urbano Ramos Pankararu, ativista indígena da etnia Pankararu e antropóloga que possui mais de uma década de participação de movimentos do campesinato, indígena e das mulheres. Neste diálogo entre duas mulheres engajadas na luta dos povos e contra a desigualdade de gênero, é abordada a trajetória de Elisa Pankararu e sua defesa da existência de um feminismo indígena.

Por sua vez, “**Entrevistando Flávia Rios: um olhar sobre os feminismos negros a partir dos estudos de raça e gênero no Brasil e na América Latina**”, trata-se de uma entrevista realizada por Mayara Nicolau de Paula (Universidade Federal de Minas Gerais) e Patrícia Lânes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). A entrevista com a socióloga brasileira Flávia Rios teve como objetivo central ouvi-la acerca de suas contribuições para os estudos raciais e de gênero no Brasil, privilegiando seu trabalho sobre a intelectual e militante Lélia Gonzalez e os debates contemporâneos acerca de feminismos negros e interseccionalidade. A conversa foi realizada por meio de uma troca de mensagens via correio eletrônico. As questões foram formuladas a partir de discussões entre as duas entrevistadoras, pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento (Antropologia e Linguística), porém com grande interesse no debate sobre feminismos negros. Foi proposta uma divisão em três grandes frentes: (i) trajetória acadêmica e pessoal de Flávia Rios, (ii) seus estudos sobre vida e obra de Lélia Gonzalez e (iii) questões sobre feminismo negro e interseccionalidade. Flávia Rios faz uma breve apresentação pessoal para, em seguida, partir para os temas relativos a seu interesse no trabalho de Lélia Gonzalez e como isso se desdobrou em recentes publicações e aprofundamento na vasta produção da pensadora. Na parte final, destaca-se a discussão sobre interseccionalidade e como essa noção vem sendo concebida como ferramenta de intervenção política por todas e todos que se interessam pelos avanços do feminismo, em especial o feminismo negro e latino-americano.

A entrevista que fecha esta seção, **Entrevista com Irene Maria Cardoso: agroecologia, política e feminismo**, foi realizada por Priscila Dorella a Irene Cardoso, ambas da Universidade Federal de Viçosa. A agroecologia vem se apresentando há décadas como um movimento político, social e científico que abarca um horizonte de possibilidades contra o modelo hegemônico do agronegócio. Irene Cardoso é uma das principais professoras do Brasil que atua ativamente em defesa da ciência comprometida com a vida, dos saberes ancestrais que nos conectam com





a natureza e dos movimentos feministas que lutam pela justiça e paz social. Sua entrevista é uma oportunidade de conhecermos a sua trajetória que nos inspira a construirmos outras cosmologias políticas.

Abrimos a seção **Artigos** com um texto escrito por Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán, Geni Núñez, e Mara Coelho de Souza Lago, da Universidade Federal de Santa Catarina, **“Epistemicídio e Necropolíticas Trans: considerações decoloniais sobre cenas cinematográficas latino-americanas”**. Este artigo é inspirado na análise de filmes do cinema LGBT que nos falam de vidas de pessoas marginalizadas por suas identidades dissidentes da cisgeneridade e heterossexualidade compulsórias. Destaca alguns temas trazidos pelas teorias decoloniais, como epistemicídio e necropolítica. Tais teorias, que se desenvolveram no estudo dos regimes que atribuem a determinados corpos a condição de inumanos, tornando-os vulneráveis ao apagamento e ao genocídio, denunciam a perpetuação da eliminação dos corpos que se constituem como descartáveis nas sociedades contemporâneas. As autoras reconhecem que as sociedades latino-americanas, nas quais focam sua discussão, são herdeiras das relações coloniais instituidoras da hierarquização de diferenças por motivos de raça, gênero e sexualidade. Estes regimes de diferenciação estabelecem quais corpos importam e quais corpos se tornam matáveis: tais como os das personagens trans Manuela e Bauer dos filmes desencadeadores desta análise.

Sofia Zaragocin, da Universidad San Francisco de Quito, em **“Ampliando los espacios de los feminismos descoloniales desde los territorios y territorialidades antirracistas”**, conecta a geografia feminista descolonial com os feminismos descoloniais latino-americanos. A autora está interessada em explorar a relação entre racismo, colonialidade e espacialidade, reunindo estas duas estruturas teóricas. A geografia feminista descolonial analisa as articulações entre colonialidade de gênero e racismo com a construção social do espaço. Enquanto o feminismo descolonial latino-americano promove uma perspectiva antirracista, anti-imperialista, anti-colonial e interseccional dos feminismos de Abya Yala e do Sul. Este artigo responde às seguintes perguntas: Quais são os espaços dos feminismos descoloniais latino-americanos? Como a espacialidade está presente no trabalho conceitual das feministas descoloniais? E finalmente, com base na resposta às perguntas acima, quais são os espaços que ficam de fora desta análise? A autora conclui que os espaços deixados de fora são territorialidades relacionais antirracistas e defende que, a partir destes processos de luta pelo território contra o racismo, podemos aprofundar a relação entre as geografias feministas e o feminismo descolonial latino-americano.

Hanayrá Negreiros, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do Museu de Arte de São Paulo, no artigo **“Histórias do vestir de Catharina Mina: costurando ideias iniciais sobre as modas de uma mulher africana no Maranhão oitocentista”**, tem por objetivo fazer “costuras” iniciais sobre os modos de vestir de mulheres africanas na cidade de São Luís do Maranhão, durante o século XIX, com foco na segunda metade do período, partindo da trajetória de Catharina Rosa Ferreira de Jesus, conhecida popularmente na província como Catharina Mina. Mulher e africana, vivenciou escravidão e liberdade em uma vida marcada pela presença do patriarcado, do racismo e da vida em diáspora. O universo da cultura material, inserido no contexto escravista dessa época, assim como as relações de trabalho em cotidianos que envolviam tais mulheres são pano de fundo do artigo. O ponto de partida do estudo foca em uma breve revisão bibliográfica que articula, a partir do método da micro-história e da busca de documentos em fontes primárias (testamentos, inventários e registros iconográficos), as dimensões simbólicas e culturais presentes nas histórias do vestir de mulheres como Catharina, alçando a análise das roupas e dos adornos como instrumento capaz de apontar caminhos para o entendimento da vida africana em diáspora brasileira, tendo São Luís do Maranhão, dois anos antes da abolição da escravatura, como cenário principal.

Lorena Marisol Cárdenas Oñate, da Universidad Autónoma Metropolitana/México, em **“Abrazando la memoria estética ritual diaspórica de muñecas de trapo em Ubuntu”**, entende a metáfora como uma poética do conhecimento, que incorpora práticas semiótico-discursivas dos(as) sujeitos comunitários destas epistemologias ancestrais que configuram sensibilidades complexas onde o trabalho com múltiplas inteligências e campos cognitivos alternativos interpela novos caminhos, *falas* e políticas de relacionalidade em paridade, reciprocidade, complementaridade e equidade. Este projeto para recuperar memórias *estético-rituais* das mulheres afrodescendentes é um espaço simbólico itinerante e intercultural com uma abordagem feminista decolonial. Um grupo de artesãs aprende e ensina a fazer bonecas negras de pano, gerando uma política de afetividade que encarna a sabedoria afrodescendente do *Ubuntu-muntu* (“eu sou porque você é parte de mim”). O exercício de um direito imaginativo e (auto) criativo permite o surgimento de uma argumentação emocional. O objetivo é construir uma proposta para um modelo estético-ritual a partir da semiose de rendas e pontos metafóricos. Nesta trama, vozes e silêncios de diversas mulheres estão alojados em uma polifonia alinhavada. Conclui-se que, ao se encarregarem de suas memórias, estas mulheres abrem um “aqui e um agora” esperançoso em comunidade. Os discursos da emoção-corpo-espiritualidade têm permitido que nossas culturas originárias ou diaspóricas resistam, insurjam, subvertam e representem lógicas de complexo *sentipensamento* de re-existência, regeneração e resiliência.

Marcela Landazábal Mora, da Universidad Nacional Autónoma de México, em **“Tierra negra: a ras de suelo entre pasos, voces, imágenes y cantos”** entende que qualquer narrativa do conflito armado na Colômbia deve ter em conta a instância racializante que se assenta no caráter de uma masculinidade guerreira, que faz fronteira com a extrema racionalidade das formas de governo do Estado, também formulada numa chave masculina – devido à sua gestão sempre parcelada das territorialidades e da vida. De uma perspectiva crítica de gênero, a interação da tríade crítica de raça, classe e gênero é considerada, incluindo um quarto vetor determinante, a juventude, nos atuais processos de resistência e nas suas práticas culturais, como uma aposta na reconstrução política. O texto começa com uma primeira seção que estabelece as coordenadas que revelam as consequências do abuso da escuridão, tanto nos corpos como nos territórios. Consequentemente, a segunda seção centra-se na avaliação desta categoria no quadro dos estereótipos dos povos, dos homens negros (afetados pelo conflito armado) e das mulheres negras violentadas devido à sua condição racial e de gênero. A terceira seção abre o campo para rever os recentes processos de resistência juvenil, a fim de decantar num esquema de reconhecimento destas estéticas vernaculares, como formas de resistência, mas também de reparação de uma moralidade aniquilada pelos efeitos do colonialismo remanescente trançado pelo neoliberalismo no conflito armado colombiano.

Por fim, fechando esta seção e o dossiê, apresentamos dois artigos traduzidos do espanhol para o português. O primeiro deles, **“Sobre o gênero e seu modo-muito-outro”**, de autoria de Catherine Walsh, da Universidade Andina Simón Bolívar, foi traduzido por Livia Brito Barbosa, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana e John Freddy Agudelo Gaspar, da Universidad Tecnológica de Pereira. O artigo de Walsh trata sobre o ensaio seminal de Maria Lugones “The Coloniality of Gender” (2008) continua a servir de impulso para a discussão e o debate dentro das esferas acadêmica e ativista, e entre aqueles que se aliam à estrutura analítica da (de)colonialidade. Com este texto, Lugones torna visível a instrumentalidade do sistema colonial/moderno de gênero na sujeição de mulheres e homens de cor em todos os domínios da existência. Ao fazê-lo, ela mostra o elo intrincado entre gênero e raça, e revela como este sistema tem funcionado para romper e fraturar laços de solidariedade prática e de luta transformadora compartilhada.



O segundo e último artigo traduzido para o português, **“Berta Cáceres e o feminismo decolonial”**, de Ochy Curiel, da Universidade Nacional da Colômbia, foi traduzido por Mariana Rocha Malheiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Este artigo procura tratar do pensamento e da proposta de transformação social levada a cabo por Berta Cáceres. O objetivo não é definir Berta Cáceres como feminista decolonial, pois ela nunca se assumiu neste lugar, no entanto, como um dos princípios desta corrente é recuperar saberes, experiências, propostas e práticas individuais e coletivas que questionam as hierarquias históricas que são produzidas por sistemas de opressão e dominação, se definindo como feministas ou não, a autora do artigo se propõe neste texto em relacionar alguns posicionamentos e práticas de Berta Cáceres coincidentes com postulados-chaves do feminismo decolonial que explicam porque hoje seu legado é tão importante.

Referências

CEPAL, Comissão Econômica para América Latina e o Caribe. La autonomía económica de las mujeres en la recuperación sostenible y con igualdad. **Santiago: Informe Especial Covid-19** nº 09, 2021. Disponível em https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46633/5/S2000740_es.pdf Acesso em 31/03/2022.

CEPAL, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe; OIG, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. **La pandemia en la sombra: femicidios o feminicidios** ocurridos en 2020 en América Latina y el Caribe, 2021. Nota Informativa, 2021. Disponível em https://www.cepal.org/sites/default/files/news/files/21-00793_folleto_la_pandemia_en_la_sombra_web.pdf Acesso em 29/03/2022.

LEAL, S. Mulheres escreveram menos artigos científicos durante a pandemia e homens submeteram em dobro. **Sapo**, 2021 Disponível em <https://poligrafo.sapo.pt/sociedade/artigos/mulheres-escreveram-menos-artigos-cientificos-durante-a-pandemia-e-homens-submeteram-em-dobro> Acesso em 01.11.2021.

NAME, L.; SPYER, T.; CUNHA, G. R. da. Editorial. **Revista Epistemologias do Sul**: vol. 03, n. 01, 2019. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2431/2169> Acesso em 27.03.2022

NÃO SE CALE. Violência contra a mulher avança com coronavírus na América Latina. **Governo do Estado do Mato Grosso do Sul**, 2020. Disponível em <https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-contra-a-mulher-avanca-com-coronavirus-na-america-latina/> Acesso em 02/04/2020.

PAHO, Pan American Health Organization. **Gendered Health Analysis COVID-19 in the Americas**. Washington, D.C.: World Health Organization, 2021. Disponível em https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/55432/PAHOEGCCOVID-19210006_eng.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em 30/03/2022.

REVISTA EPISTEMOLOGIAS DO SUL. Sobre a Revista. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/about> Acesso em 28.03.2022.

SARAIVA, B. C. Violência de gênero na América Latina cresce em meio à covid-19. AUN – **Agência Universitária de Notícias**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), publicada em 19.03. 2021. Disponível em <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/03/19/violencia-de-genero-na-america-latina-cresce-em-meio-a-covid-19/> Acesso em 29/03/2022.